

CONCOURS EDHEC 2022

ORAUX LANGUES

PORTUGAIS

A large, solid pink triangle pointing towards the bottom right corner of the page.

Make an impact

Source <https://www.dn.pt/opiniaio/uma-estranha-amizade--14720613.html>

Auteur Luís Filipe Castro Mendes

Date 29 de Março 2022

Uma estranha amizade

Olivro de Maria Filomena Mónica Uma Estranha Amizade (Relógio de Água, 2021) teve o Prémio do Grémio Literário para a melhor obra publicada este ano sobre temas do século XIX. Este último livro de Maria Filomena Mónica apresenta, na esteira da biografia de Eça que esta autora escreveu, uma inteligente e bem documentada análise da relação pessoal e literária dessas duas grandes figuras das nossas letras que são Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão.

A dupla Eça e Ramalho apresenta-nos sem dúvida uma forte e inegável amizade, com todas as ambiguidades, reservas e ciúmes que hoje conhecemos, mas que perdeu pela vida fora, enquanto a sua obra em comum se pode resumir a uma novela escrita a dois por desfastio, O Mistério da Estrada de Sintra, e a elaboração conjunta, durante dois anos, de um importante acervo de artigos críticos e polémicos, As Farpas, dos quais, porém, Eça se quis demarcar, ao recusar anos mais tarde vir publicar os seus artigos em conjunto com os do amigo, preferindo editar os seus contributos à parte, cortados e alterados, sob o título Uma Campanha Alegre.

Amigos de juventude, Eça e Ramalho têm olhares diferentes sobre os seus anos de formação e perspectivas distintas sobre a importância de um na evolução intelectual e literária do outro. Tal é bem visível no artigo que em 1878 Eça escreve em Newcastle sobre o perfil do amigo, e que foi mais tarde republicado nas Notas Contemporâneas: Ramalho só emerge da sua pobre descrição do que era "antes das Farpas" ("janota"; "deslumbrado"; "conservador"; "S Paulo do crevetismo"; "purista, arcaico, obsoleto"; "ideias de dandy, prosa de frade"), só sai deste confrangedor retrato, qual o mesmo S. Paulo na estrada de Damasco... ao escrever, com Eça, as Farpas! E a partir desse momento, Ramalho é um homem novo e a partir desses parágrafos pode o texto de Eça expandir-se de forma solta em louvores e amizade. Eça considerava que ajudara a fazer nascer o novo Ramalho!

Mas é outra a visão de Ramalho da sua relação com Eça. Por ocasião da morte deste, Ramalho escreve em carta particular ao conde de Sabugosa, que sem dúvida "eu devo muito a Queiroz(...) por isso o amo como a um pai"; "mas a amigos como você(...) eu posso enternecidamente acrescentar que Queiroz, entrando na vida pelo meu braço, alguma coisa me deveu também"(...); "e é por esta razão, por esta secreta razão (...) que além de amar Queiroz como se fosse um pai eu o amava também (...) como se fosse um filho".

Penso que as ambiguidades e reservas que se têm vindo a encontrar no comportamento de Ramalho para com Eça arrancam desse ciúme da parte do mais velho em relação ao mais novo, que acompanhava a sua amizade, sem contudo a desfazer. As declarações de estima recíproca sucedem-se, a relação não conhece sobressaltos de marca e o nosso juízo atual sobre a pomposidade e pretensiosismo de Ramalho seria sem dúvida partilhado por Eça (como vimos), mas nunca se quebraram os laços entre eles. Ramalho, por seu lado, tem uma atitude de um egoísmo que nos choca, ao continuar impávido a sua excursão a Itália depois de saber da morte de Eça; mas julgo que o próprio Eça não esperaria mais do seu amigo - e nem a sua viúva ficou escandalizada! O que realmente não podemos perdoar a Ramalho é ele ter abandonado uma caixa de inéditos preciosos de Eça, que lhe foi confiada pela família para edição, e que só após a sua morte o filho teve a correção de devolver ao filho de Eça de Queiroz. E o que estava na caixa não era pouco: O Conde de Abranhos, A Capital, algumas cartas inéditas de Fradique Mendes, O Egipto... Tudo considerado de escasso interesse por Ramalho, exausto que estava com a revisão que fizera de A Cidade e as Serras!

Ainda assim, tudo visto e ponderado, não é perda de tempo nenhuma lermos hoje Ramalho Ortigão...

Source <https://www.dn.pt/opiniaao/ser-ou-nao-ser-jornalista-14717683.html>

Auteur João Lopes

Date 27 de Março 2022

Ser ou não ser jornalista

Entre as imagens

Vários domínios do jornalismo contemporâneo vivem assombrados pelo "síndrome Amanpour". Foi, de facto, através do trabalho da inglesa Christiane Amanpour, na CNN Internacional, que a imagem do jornalista "em acção" num contexto perigoso (quase sempre um cenário de guerra) adquiriu o simbolismo perverso de uma identidade transcendental: se uma bomba rebenta atrás da repórter que fala para a câmara, então isso deve ser reconhecido como um suplemento de verdade...

A descrição é redutora, até porque omite o talento de Christiane Amanpour. A diversidade do seu trabalho e, em particular, o seu actual programa de entrevistas distingue-se por uma marca muito pessoal (o título é apenas: Amanpour), marca de gosto e empenho em confrontar os seus interlocutores com questões sérias e complexas, evitando ceder ao infantilismo de supor que quanto mais rasteiras passar ao entrevistado melhor será o factor jornalístico - quando se passa uma rasteira alguém cai, é verdade, mas não acontece nada de interessante.

O que está em causa é a simplificação pueril do olhar, supostamente legitimada por uma determinada experiência-limite: define-se e, não poucas vezes, promove-se o jornalista como aquele que, microfone na mão, eventualmente envergando um colete à prova de bala, se distingue por surgir "sobreposto" a algum fundo em que se detecte ou pressinta um qualquer sinal de perigo ou violência. Claro que o jornalista pode até estar a arriscar a vida, mas no limite mais cruel do dispositivo em que está inserido surge apenas como uma derivação redundante do aparato do estúdio. O inevitável efeito prático (entenda-se: social) é a desqualificação do próprio labor jornalístico.

Neste contexto, não surpreende que o valor social do cinema esteja também muito desvalorizado. Ou, pior um pouco, empolado de modo caricatural: a dimensão social dos filmes passou a ser confundida com o cumprimento de quotas (de género, de raça, etc.), frequentemente reduzindo a infinita pluralidade da experiência humana a um amontoado determinista de personagens e comportamentos.

Recentemente lançado nas salas portuguesas, *Ouistreham - Entre Dois Mundos*, de Emmanuel Carrère, é um filme realmente fora de série - do meu ponto de vista, ficará mesmo como uma das grandes estreias de 2022 - que nos pode ajudar a repensar todas essas questões. Até porque não há nele nenhuma chantagem moralista sobre o que seja, ou possa ser, o jornalismo. Estamos perante o relato de uma experiência singular, porventura irrepetível, que nos recoloca perante uma interrogação vital: como dizer, escrever, filmar o mundo à nossa volta?

Há um "segredo" no filme de Carrère que me atrevo a desmontar por uma razão muito básica: está revelado em todas as suas formas de divulgação, a começar pelo trailer. Assim, começamos por conhecer a personagem central, interpretada por Juliette Binoche (de novo admirável), como uma mulher algo à deriva: chega à cidade de Ouistreham, na costa da Normandia, e consegue emprego como empregada de limpeza nos barcos que fazem a travessia do Canal da Mancha, a caminho do porto inglês de Portsmouth - em poucos minutos saberemos que ela é Marianne Winckler, jornalista e escritora que quer conhecer directamente aquelas condições de trabalho como matéria para um livro.

Inspirado num livro em que Florence Aubenas relatou a sua própria experiência de investigação, *Ouistreham - Entre Dois Mundos* é o contrário do novo-riquismo cultural que apresenta o jornalista como um anjo da guarda abençoado pelo dom de "transcrever" uma verdade universal que se confunde com uma revelação divina. Aqui, Marianne expõe-se como um olhar hesitante, um corpo que escreve, enfim, alguém que procura palavras que possam ecoar a experiência perturbante em que se envolveu - e tanto mais quanto a sua duplicidade vai abalar os laços de confiança que conseguiu estabelecer com as "colegas" de trabalho.

Estamos perante um objecto de cinema enraizado numa invulgar depuração dramática. Nenhum feminismo de "talk show", nenhuma ideologia de santificação das "mulheres" e demonização dos "homens": *Ouistreham - Entre Dois Mundos* é uma narrativa hiper-elaborada, alheia a qualquer formatação das identidades individuais e das relações humanas.

Source <https://www.dn.pt/opiniaao/e-o-oscar-do-contexto-vai-para-14722633.html>

Auteur Fernanda Cândia

Date 29 de Março 2022

E o Óscar do contexto vai para

"O amor faz-te fazer coisas malucas". Foi a justificação que o ator/comediante/rapper Will Smith deu para a chapada que meio da cerimónia dos Óscares pespegou no comediante/ator Chris Rock depois de este fazer, do palco, uma piada sobre o facto de a mulher de Smith estar de cabelo rapado.

Isto tudo sem que alguém tivesse esboçado um gesto para o parar ou se ouvisse uma palavra de censura. É certo que a emissão foi cortada logo de seguida para intervalo, mas nos vídeos desse íterim não se vê ninguém da organização confrontar Smith ou pedir-lhe para se retirar - só duas pessoas, incluindo o ator Denzel Washington, a falar com ele. No retomar da emissão, Smith aparece de novo sentado - e assim continuou até subir ao palco para receber o Óscar de melhor ator e discursar longamente, entre lágrimas, sobre o que o amor faz as pessoas fazer, como considera ser sua obrigação proteger a família, citando, pelo meio, o que Denzel lhe teria dito: "É quando chegas mais alto que o diabo tenta".

Realmente apropriada esta alusão ao episódio bíblico no qual Jesus ouve o demónio prometer-lhe o mundo se ele se passar para o seu lado e responde: "Não podes dar-me o que já é meu". É que se não há forma de saber se Smith faria o que fez - subir a um palco para agredir - se não tivesse o peso que tem na indústria cinematográfica e na cultura americana, ou seja, o rei (ou o mundo) na barriga, decerto não voltaria arrogantemente ao seu lugar, nem lhe seria permitido ali permanecer e ainda ser ovacionado de pé a seguir ao seu lamentável discurso de vitimização, se esse poder não existisse. Se não fosse quem é.

Resumindo: Smith achou que podia, e pôde. Pôde agredir uma pessoa à frente de milhões, recusar pedir-lhe desculpa à frente de milhões, sacar uma estatueta à frente de milhões e ouvir a sala toda bater-lhe palmas como se a um herói por "defender a mulher" - à frente de milhões. Aliás, se houvesse alguma dúvida sobre o seu poder, e do que ele permite, deixou de haver: aquilo que qualquer Código Penal civilizado tipifica como crime passou ali como um gesto de amor, de justiça até.

E, porque a agressão de Smith foi tratada pela organização do evento e pelos presentes como compreensível, senão mesmo adequada - o que não faltou foram estrelas a dizer, aos microfones "eu sou contra a violência, mas" - está a ser assim incensada por muitos.

Até por pessoas que, como a também atriz e comediante negra Tiffany Haddish, são associadas ao feminismo. "Quando vejo um homem negro defender a sua mulher, isso significa tanto para mim. (...) É o que o teu marido é suposto fazer, não? Proteger-te", escreveu Haddish, numa espantosa ode ao machismo e ao patriarcado, emulada por milhares de tuitos e posts de redes sociais que desde ontem reproduzem a mesma ideia - de que não só os homens devem proteger as mulheres, se necessário pela força, como que as mulheres precisam dessa proteção dos homens.

Passando a especial ironia de a reação de Smith se relacionar com uma piada que menciona GI Jane, um filme exatamente sobre as mulheres não precisarem da proteção dos homens, há outro aspeto fascinante neste episódio: o da quantidade de pessoas que assegura que "aquela estalada foi pouco para o que Chris Rock fez" porque "a violência psicológica e emocional é tão grave ou mais grave que a violência física." Decerto não é, como bem argumentou o comediante Bruno Nogueira esta segunda-feira na SIC, "achar que as palavras se combatem com kickboxing" - num mundo civilizado, as questões, se estiverem crimes em causa (e não houve qualquer crime no que Rock disse), resolvem-se nos tribunais. A não ser, claro, que haja direito a legítima defesa, ou seja, a repelir uma agressão pela força - mas esse direito não se aplica a ataques verbais.

Como a de ver Bruno Nogueira, que trabalha com João Quadros - alguém conhecido por, entre insultos e calúnias do mais repugnante, passar a vida a oferecer pancada a quem o critique - a explicar que a violência física é inaceitável como resposta a palavras e uma ameaça à liberdade.

Recordar aliás que quando em 2019 o rapper Valete ameaçou várias pessoas por estas terem criticado um clip/canção seu (recentemente foi a tribunal pedir desculpa por uma dessas ameaças), a esmagadora maioria dos comediantes portugueses se pronunciou em sua defesa - defesa, note-se, da ameaça e do mandar calar, não de quem foi ameaçado e mandado calar por se atrever a dar uma opinião. O apego à liberdade dos comediantes portugueses - e como se constata, não apenas dos portugueses - tem realmente dias. Talvez por não ser na verdade apego à liberdade como valor universal, mas apenas à sua liberdade individual, ou da "classe".

Em suma, parece que em geral as ações são más ou boas, aceitáveis ou condenáveis, justificáveis ou não, consoante o que sentimos por quem as pratica, se achamos que está ou não do nosso lado ou contra os nossos inimigos - se nos dão jeito ou não. Não tanto, sequer, em função daquilo a que se dá o nome de "contexto", mas do nosso contexto. Raramente se trata de julgar as ações por si, de as valorar do ponto de vista ético. No palco dos Óscares como na guerra - na vida.

Source <https://www.publico.pt/2022/04/18/p3/cronica/procura-emprego-mundo-algoritmos-2002863>

Auteur João André Costa

Date 18 de Abril 2022

À procura de emprego num mundo de algoritmos

Jovem, jovem adulto ou adulto, estás cansado, para não dizer farto e saturado, de enviar currículos sem resposta ou, a haver resposta, um sem número de negas?

Sim, foste vítima de um algoritmo, algoritmo esse responsável pela leitura e análise do teu e de milhares de currículos ao invés do comum, e familiar, olhar humano, em tudo distante agora que a inteligência artificial toma conta do mercado de emprego.

Bem-vindo ao século XXI, onde cada vez mais quem recruta recorre a programas de leitura e análise de currículos na procura dos melhores candidatos para as vagas por preencher.

Aquele email recebido apenas horas após o envio do currículo? Foi escrito e enviado por um *bot* a fazer as vezes do empregador.

Mas não só, ou não fossem os algoritmos igualmente responsáveis pela análise de entrevistas vídeo pré-gravadas, entrevistas essas popularizadas durante os recentes períodos de confinamento e agora prática corrente.

E se os problemas já tinham começado um pouco lá atrás, agora agravam-se consideravelmente quando não é possível garantir a total imparcialidade de programas se diante da câmara se sentam todas as raças, géneros, credos e orientações sexuais.

A título de exemplo, se para um determinado lugar houver uma esmagadora maioria de homens a candidatar-se, o algoritmo acaba por “aprender” ser a norma a candidatura de homens, preterindo mulheres e outros géneros em consequência.

De igual modo, o uso de algoritmo pode assumir a candidatura de nomes ocidentais e caucasianos como a norma, deixando para segundo plano todos os candidatos que não cumpram estes requisitos.

Quanto às entrevistas por vídeo, os algoritmos não se ficam pela análise das expressões faciais, analisando também o tom de voz, a fluência da fala, o formato da face sem esquecer o sotaque do entrevistado.

Em suma, os algoritmos e a inteligência artificial que os gere são a imagem de quem os concebe e não a pessoa, o informático, o empresário em si mesmo.

Independentemente da origem do criador do algoritmo, uma imagem é apenas isso, uma imagem, um reflexo e um reflexo procura sempre, e de acordo com a lógica matemática, um igual ou semelhante no qual se reconheça de modo a cumprir os preceitos da sua origem.

Porquê então o uso desenfreado de algoritmos no mundo do recrutamento e dos recursos humanos? Porque é mais barato. Porque o algoritmo, o *bot*, é a automatização dos recursos humanos de uma instituição ou de uma empresa, substituindo quem recruta por um simples programa de análise de dados.

E assim, enquanto o tempo passa e a regulação do mercado de trabalho não vem, somos cada vez mais um número e um número só, adiando para um tempo tão indefinido como distante o dia no qual um empregador de carne e osso terá a oportunidade de ler um dos milhares de currículos enviados por ti até à data.

Não obstante, de pouco ou nada vale baixar os braços, tudo é uma aprendizagem e se as empresas usam programas na procura de palavras-chave em cada currículo, então começemos por usar essas mesmas palavras-chave. Como? Lendo atentamente os requisitos da posição pretendida e procurando usar os mesmos termos na candidatura.

E, por incrível que pareça, leiam e releiam o currículo à procura de erros ou gralhas e, por favor, usem um corrector ortográfico. Basta procurar em qualquer motor de busca, sendo o meu preferido, publicidade aparte, o Flip.pt, simples e eficaz na análise de 3000 caracteres de cada vez.

Quanto às entrevistas por vídeo, nada como ensaiar entrevistas vezes e vezes sem conta através de gravações prévias, procurando sempre manter o contacto visual e uma boa postura corporal. Ah, e não esquecer o pano de fundo, quanto mais neutral, melhor.

E sim, as vossas contas nas redes sociais mais a pegada digital serão, sem sombra de dúvida, alvo de escrutínio. Revejam as definições de privacidade e tenham atenção a conteúdos partilhados com o público em geral.

A exigência da regulação do mercado é igualmente fundamental junto de quem nos dirige, no sentido de defender a partilha pública dos nomes das empresas que usam este método de recrutamento bem como as avaliações de desempenho dos algoritmos.

Neste contexto, os algoritmos devem ser alvo de correcção ou mesmo eliminados caso se prove ser o seu uso fonte de discriminação.

Sim, é uma luta quando se quer ser o escolhido, o vencedor, o contemplado com um emprego e cada vez mais e mais os passos para lá chegar. A informação é chave fundamental neste processo. E certeza de como não estás só: se do lado de lá tens um *bot*, do lado de cá tens quem te ajude, feitos da mesma carne e com os mesmos ossos.

Source:<https://www.linkedin.com/pulse/gera%C3%A7%C3%A3o-desenrascada-sandracorreia/?originalSubdomain=pt>

Auteur Sandra Correia Teixeira

Date 21 Janeiro 2021

Geração Desenrascada

Alguém apelidou em tempos a Juventude Portuguesa, que curiosamente, em tempos ainda anteriores, havia sido nomeada e regulamentada por decreto de *Mocidade*, de “*Geração Rasca*”. Pegando nesse conceito, e olhando para a evolução dos valores, capacidades, oportunidades, contextos, ações e reações arraigadas na actual Geração Jovem Portuguesa, sinto-me mais inspirada a trata-la antes por *Geração Desenrascada*.

De facto os sinais exteriores de que estamos perante uma geração desenrascada podem ser constatados diariamente no número de jovens que abandonam o país em busca de melhores condições e qualidade de vida, fazendo-o muitas vezes completamente desacompanhados e outras tantas despreparados, e arriscando igualmente a precariedade, mas a um preço sobejamente superior. E não são raros os casos de carreiras de sucesso preconizadas por jovens empreendedores, cientistas, desportistas, artistas e criativos portugueses com forte impacto no mercado global, mas que, socorrendo-se da cultura do desenrasque, e do espírito aventureiro que nos caracteriza, navegaram em busca de novos desafios, mais motivadores não só em conteúdo, como em meios ou em reconhecimento, o que acaba sempre por ocorrer necessariamente fora do nosso país.

Não querendo subscrever o discurso do "*país de merda*", não sou no entanto capaz de sonegar as diferenças intrínsecas e abismais entre economias como os EUA ou os países do Norte da Europa, no que toca à disponibilização de oportunidades e ao reconhecimento dos valores pessoais e contributos efetivos para o sucesso dos projetos em que nos podemos envolver.

A mesma geração desenrascada que tem sido pioneira e se encontra na linha da frente dos últimos desenvolvimentos em alguns campos da ciência, e que tem visto o apoio aos seus projetos nacionais negado ou reduzido, obrigando uma vez mais e constantemente à implementação de modelos de desenrasque, encontra no contexto exterior o habitat natural adequado ao prosseguimento dos seus trabalhos de investigação e ao cumprimento com sucesso dos seus objetivos, atingindo avanços científicos que marcam a história mundial ao serviço de outras economias.

Por outro lado, verifico também que o mesmo espírito de desenrasque se encontra imbuído no Jovem Português, quando, não escassas vezes, se vê obrigado a caçar com gato, na ausência do cão e acaba por efetivamente conseguir com sucesso por o gato a farejar perdizes. Ou quando, coloca o mesmo empenho e dedicação nas escadas que lava de manhã, na tese de mestrado que desenvolve à tarde e no "Boa Noite!" simpático e pouco estafado que comunica no call center antes do dia acabar.

Por isto tudo, penso que esta deverá de facto ser uma das preocupações de quem nos governa, mais do que promover o superavit da balança comercial de bens e serviços, deveriam ser capazes de analisar e atuar sobre o deficit da balança comercial de talentos desenrascados.

Source <https://www.dn.pt/opiniaio/a-cplp-quer-descartar-a-guine-bissau-14721434.html>

Auteur João Melo

Date 29 de Março 2022

A CPLP quer descartar a Guiné-Bissau?

João Melo

Amílcar Cabral deve estar a dar voltas na tumba, perante a indiferença dos líderes dos povos e países tidos, historicamente, como irmãos da Guiné-Bissau. Naquele país, está em curso um processo de institucionalização do caos, estimulado pelo próprio presidente da República, cujo desfecho será a transformação do país num estado falhado e, inevitavelmente, a sua entrada na órbita da francofonia, via Senegal. É em momentos assim que se confirma que a tão cantada (por alguns) "lusofonia" não passa de uma mistificação.

Um grupo de quatro partidos políticos guineenses acaba de emitir uma nota de repúdio à violenta tentativa do chefe de estado, Sissoco Embaló, de impedir a realização do congresso do PAIGC, que já devia ter ocorrido no mês que agora termina e que é visto como o arranque dos preparativos desse partido para as próximas eleições legislativas e presidenciais (2024). No fim da semana passada, forças policiais atacaram a sede do PAIGC, onde se realizava o seu comité central, para tomar decisões acerca do congresso da organização. O insólito ataque aconteceu na sequência de uma onda de sequestros, agressões e assédio de militantes e deputados do PAIGC, assim como de membros da sociedade civil, em todo o país.

Todos os dados apontam para a responsabilidade pessoal do presidente guineense nesse estado de coisas. A Guiné-Bissau é um estado semi-parlamentar ou semi-presidencial (como quisermos), mais próximo do modelo francês do que do português, mas o chefe de Estado não esconde a sua pretensão de ir além dos poderes que o modelo lhe permite. Sissoco parece particularmente nervoso com o crescimento da popularidade do PAIGC e do seu líder, Domingos Simões Pereira.

No passado dia 1 de fevereiro, o presidente não hesitou em recorrer a uma "inventona", forjando um golpe de estado que não consegue ser cabalmente explicado até agora (golpe de estado sem a participação de unidades militares é um mistério insondável), para resgatar a sua popularidade e, sobretudo, justificar as medidas repressivas que logo a seguir tomaria. Logo sete dias depois, a Rádio Capital, uma emissora independente localizada na capital do país, Bissau, foi atacada por homens armados, que destruíram os equipamentos da estação e agrediram vários funcionários e jornalistas. Seguiu-se uma manobra pantomínica, envolvendo o poder judicial, para impedir a realização do congresso do PAIGC, que deve reconfirmar Domingos Simões Pereira como seu líder.

O presidente guineense conta, na sua estratégia de marginalizar o PAIGC, com o apoio de Nuno Nabiam, que foi primeiro ministro na sequência das eleições legislativas de 2019. As referidas eleições foram ganhas pelo PAIGC, mas sem maioria absoluta, permitindo a Nabiam, impulsionado por Sissoco, fazer uma espécie de "geringonça", tendo comprado os votos de três deputados eleitos pelo partido vencedor, o que, juntando os votos de mais outros partidos, lhe permitiu fazer maioria. Entretanto, atualmente, o presidente e o primeiro ministro parecem estar de costas voltadas, por causa de uma história mal contada envolvendo um avião, drogas e outras "ninharias". Os observadores consideram, no entanto, que, perante o crescimento do PAIGC e do respetivo líder, Sissoco e Nabiam acabarão por entender-se novamente.

Enquanto isso, a CEDEAO resolveu enviar um contingente militar para a Guiné-Bissau, por pressão do Senegal. Tal força será composta por tropas senegalesas e nigerianas, o que leva os quatro partidos que se opõem ao presidente (PAIGC, UM, PCD e PSD) a considerar que isso visa "garantir as condições para que Umaro Sissoco Embaló materialize a sua agenda autocrática e realize os compromissos assumidos no acordo de exploração do petróleo assinado com o Senegal".

E a CPLP?

Source <https://www.dn.pt/opiniao/temos-de-prevenir-o-pior-14722217.html>

Auteur Afonso Camões

Date 29 de Março 2022

Temas de prevenir o pior

Termina amanhã um dos mais longos soluços políticos da nossa história democrática, com a posse do novo governo, quatro meses depois da dissolução da Assembleia da República. Acontece que nada do que se passou nas últimas três semanas estava nas agendas: O horizonte acenado em campanha eleitoral caducou subitamente, e tem de ser reprogramado a toque de marchas forçadas pela guerra real que agride a Ucrânia e pela que se vai travar nas trincheiras domésticas, pelas suas consequências económicas em Portugal.

O novo governo não vai, sequer, beneficiar do habitual estado de graça que se abona aos principiantes, já que a urgência aperta e metade dos ministros e a maioria dos secretários de Estado são repetentes. Com quatro anos de mandato pela frente e respaldado por uma confortável maioria absoluta no Parlamento, de António Costa reclama-se agora celeridade, o jogo de cintura e aquela resistência que nos últimos seis anos se transformou no recurso proverbial da sua carreira política, qualidades que terão de produzir o seu melhor efeito diante dos poderes desestabilizadores que a nova crise provocada pela guerra nos vai inevitavelmente trazer.

Os sintomas inquietantes e a angústia social perante o que aí vem hão de condicionar o programa e as prioridades do novo governo, de quem se espera que explique, com empatia e sem medo, a dureza das medidas destinadas a mitigar os efeitos caseiros da guerra. Sem tabus nem alarmismos, mas com verdade, é preciso passar para os portugueses uma perceção informada, transparente e adulta sobre a gravidade da situação que vai atingir de novo os mais pobres.

Com a guerra de volta ao Velho Continente, não se trata apenas da tragédia humanitária e da destruição material de um país europeu, mas das consequências que a defesa da Ucrânia impõem a toda a Europa, cuja maior vulnerabilidade está na sua dependência energética da Rússia: 40% em gás natural e 25% em petróleo bruto. A União Europeia precisa tanto de comprar o gás e o petróleo russos, como Putin de lhes vender. Apesar das sanções económicas, os países europeus continuam a financiar o governo de Moscovo com centenas de milhões de euros por dia para importações de energia, ajudando-o de forma indireta e sobretudo indesejável a financiar o esforço de guerra. Ora, manter ou agravar as sanções económicas à Rússia representará um custo muito elevado também para os europeus, e não há soluções mágicas que não comportem sacrifícios.

A invasão russa da Ucrânia e a ameaça que ela representa para a Europa (no seu conjunto e para cada Estado-membro em particular) marcam o fim de uma das fantasias mais poderosas e duradouras da história recente: a ideia de que estávamos destinados a viver numa ordem global mais ou menos estável, em que o mercado se encarregaria de resolver a maioria dos nossos problemas. Pura ilusão: a turbulência traumática deste início da década coloca-nos diante de problemas que o mercado obviamente não consegue resolver e que exigem forte intervenção do Estado, de todos e cada estado europeu, expresso no gigantesco reforço do financiamento público. À margem de todas as correntes neoliberais que dominaram o Ocidente nos últimos anos, o intervencionismo estatal está de volta e em força - a todos os níveis da sociedade e da economia, como forma de garantir a proteção e a segurança diante dos novos perigos. Uma coisa é certa, entretanto: depois da crise das dívidas soberanas, a seguir a 2008, e depois da crise sanitária que ainda sofremos, este será o terceiro empobrecimento súbito de toda uma geração de jovens, esmagada nas suas expectativas de vida. Nada será como antes, porque tudo indica que poderá ser ainda pior.

Source :<https://www.dn.pt/sociedade/investigacao-pode-a-escravatura-ter-provocado-alteracoes-climaticas--14777023.html>

Auteur DN/Lusa

Date 17 de Abril 2022

Pode a escravatura ter provocado alterações climáticas?

Grupo de investigadores está na Guiné-Bissau a investigar as mudanças ambientais e sociais provocadas pela colonização e pela escravatura. Um grupo de investigadores, financiados por várias instituições internacionais, está a tentar perceber em Cacheu, na Guiné-Bissau, se a escravidão provou alterações climáticas. O estudo está a ser feito no âmbito do projeto Ecologias da Liberdade e que visa perceber as mudanças ambientais e sociais provocadas pela colonização e pela escravatura desde o século XVI até aos dias de hoje.

"Os historiadores sabem desde há muito tempo e já há cada vez mais arqueólogos a trabalhar sobre o tema do impacto ambiental das atividades modernas, quer no ambiente, como nos ecossistemas e de um modo geral sobre a sociedade e como aquela se relaciona com o ambiente", disse à Lusa Rui Coelho, coordenador do projeto e professor da Durham University.

"Uma coisa menos estudada é o impacto que a escravidão teve sobre os ecossistemas, ou seja, de que forma a escravidão, o tráfico e transporte forçado de pessoas de toda a África impactou na natureza e de que forma é que esse impacto continua a ter importância nos dias de hoje", explicou o também arqueólogo e investigador da Universidade de Lisboa. Segundo Rui Coelho, cerca de 12 milhões de pessoas, num período muito curto, foram escravizadas e forçadas a sair do seu local de origem, sobretudo da África Ocidental e Central, para as Américas.

"Por exemplo, sabemos que no início do período moderno e até mais ou menos ao século XVIII existiu aquilo a que se chama a pequena idade do gelo. Foi um período da história em que as temperaturas mundiais eram relativamente mais baixas do que são hoje e isso tem sido explicado por alguns cientistas como estando ligado à prática de genocídios, de conquista e ocupação das Américas pelos europeus", explicou.

Aquelas práticas, segundo alguns investigadores, provocaram uma redução da população e que as pessoas deixassem de trabalhar nos campos, gerir florestas e provocou um aumento do oxigénio, redução do carbono e arrefecimento do planeta.

"Podemos imaginar que aqui em África estava algo a acontecer muito parecido. A escravização de pessoas de uma forma crescente significa que houve um esvaziamento de grandes áreas aqui. Houve deslocamentos forçados de pessoas, que estavam envolvidas em conflitos, que eram obrigadas a fugir, que eram obrigadas a restabelecer-se em outros locais", disse Rui Coelho.

Isso criou, segundo o arqueólogo, uma "grande rutura nos modos de vida dessas comunidades e seguramente terá tido algum impacto sobre o ambiente" e ainda hoje se está "a conhecer esse impacto".

"Outra coisa que está também associada ao desenvolvimento da escravatura, como um grande projeto da modernidade, que mudou o mundo, é a cultura de algumas produções agrícolas, por exemplo, o arroz", afirmou.

O professor disse que o arroz foi domesticado na Guiné-Bissau a um dado momento, mas que na época da colonização, com o aumento do tráfico de pessoas, a produção aumentou.

O arroz "permite alimentar esses grandes contingentes de população, que são transferidas através do Atlântico para outras partes do mundo e permite também a distribuição e circulação do cereal. Por isso, o arroz se tornou numa das grandes produções da África Ocidental e, particularmente aqui na Guiné-Bissau", afirmou.

Para o professor, é muito importante tentar entender quando o arroz se tornou numa grande produção nesta região, se o aparecimento dessa grande produção está associado ou não ao início da colonização e à expansão do tráfico de pessoas escravizadas e como essa produção de arroz se foi transformando ao longo do tempo.

"Através das sondagens geoarqueológicas teremos, em princípio, a possibilidade de entender essas transformações e as formas como ficaram registadas nos sedimentos da praia e no ambiente. É uma contribuição desta região para o mundo que precisa de ser estudada com maior detalhe", salientou.

O projeto Ecologias da Liberdade é financiado por várias instituições, nomeadamente a National Geographic Society, Rust Family Foundation, a Fundação para a Ciência e Tecnologia, através do centro de arqueologia da Universidade de Lisboa.

Source : <https://www.publico.pt/2022/04/18/impar/opiniao/separacoes-divorcios-forcados-deliberados-2002873>

Auteur Vera Silva

Date 18 de Abril 2022

Separações e divórcios: forçados e deliberados

Enquanto lá longe há famílias separadas à força por uma guerra, aqui perto existem famílias a serem separadas por guerras internas que são tão grandes ou tão pequenas como qualquer outra.

Os momentos que agora se vivem de guerra demonstram bem a natureza humana. Nem toda a humanidade é assim e, por isso, tantos movimentos se têm realizado para que a Paz retorne. No entanto, é dentro do próprio que a paz deve começar para que se estenda à família e, daí, à comunidade. Temos assistido de camarote às separações tão tristes que as famílias que sofrem diretamente com esta guerra têm sofrido. Famílias inteiras desmanteladas como se de um objeto se tratasse. A verdade é que são seres humanos forçados à separação. Não porque o queiram, mas porque assim tem que ser.

No mundo atual, que temos o privilégio de vivenciar dada toda a evolução tecnológica a que assistimos, existe algo que dificilmente evolui – a capacidade de amar. E enquanto lá longe há famílias separadas à força por uma guerra, aqui perto existem famílias a serem separadas por guerras internas que são tão grandes ou tão pequenas como qualquer outra. Os desentendimentos que as famílias sofrem, muitos deles não passam de pequenas quezílias que poderiam no momento ser sujeitas a um perdão (perdão é passar à frente, fazer um “let it go”). Mas outros assuntos como violência doméstica, negligência infantil, violações, entre tantos outros, exigem uma capacidade de perdão atroz (se existir). Estes últimos são aqueles assuntos que necessitam de separações ou divórcios deliberados e que a justiça olhe bem para eles, para que não se repitam e não terminem em morte física ou psicológica, deixando marcas para a vida que nunca passam.

Uma professora de um dos meus filhos, enquanto falava de bullying, ensinou-lhes que “o coração que passa por isto é como um papel amachucado, por mais que se tente esticar nunca mais vai voltar a ser o que era”. Passados oito anos, o meu filho nunca mais esqueceu esta frase, que ainda hoje profere; por isso, espero que também não esqueçam. Mas aquilo que pretendo aqui demonstrar é que existem tantas, mas tantas situações simples nas famílias que poderiam ser resolvidas a bem e não o são porquê? Se se encontrassem realmente no contexto limite de uma guerra como a que se vive na Ucrânia, talvez pesassem nos pratos da balança que aqueles que amam poderão nunca mais vê-los. Não é à toa que casais se despedem e percebem que talvez aquele seja o último abraço. Também não é à toa que escrevem os dados da criança no corpo das mesmas, na esperança de as voltarem a encontrar. E se fossemos nós? Será que nos separávamos ou divorciávamos por pequenas quezílias? Pois... talvez não. O ser humano aprende o que é o amor nas situações limite da vida e jamais vai libertar-se do grande ego que o envolve para dizer: perdoa-me. A família que construímos é um dom que desperdiçamos deliberadamente enquanto outros longe de nós são forçados a perdê-la

Deixemo-nos de demagogias e de falar da vida que longe de nós sofre e olhemos para aquilo que nos atormenta a família, que em última instância são as crianças que pagam a fatura e bem alta.

Com a pandemia, o número de separações e/ou divórcios aumentou talvez porque o amor não estivesse habituado a ver tanto tempo a mesma cara. Parece que são necessárias caras novas para animar o nosso dia a dia, mesmo que a família que dizemos amar esteja como um dado adquirido em casa à nossa espera. As crianças e adolescentes foram as que mais sofreram com a pandemia, não só pelo corte que tiveram com a sua vida social, mas também com o espetáculo a que assistiram em casa de os pais já não se poderem ver à frente.

Pensem um pouco: será que, se mudarmos aquilo que internamente nos atormenta e formos sinceros para com o próximo, poderemos de forma honesta ajudar o resto do mundo? “Que uma mão não saiba o que a outra faz.” Não precisamos de assistência para ajudar a guerra na Ucrânia, mas precisamos de muita Paz interna para que a mesma possa chegar onde queremos. A família que construímos é um dom que desperdiçamos deliberadamente, enquanto outros longe de nós são forçados a perdê-la.

Com todos os riscos de ser lamechas ou não, aqui vai: amem-se enquanto podem porque tudo isto é um sopro muito finito.

Source <https://www.dn.pt/internacional/pensei-que-ja-tinha-visto-tudo-na-minha-vida-agora-nem-agua-tenho-para-o-cha-14776554.html>

Auteur Rui Polónio

Date 17 de Abril 2022

"Pensei que já tinha visto tudo na minha vida. Agora nem água tenho para o chá"

Lyudmilla sobreviveu à II Guerra Mundial, agora nem os bombardeamentos a afastam da fila para ter acesso à água potável.

Mykolaiv foi bombardeada três vezes durante este sábado. Os alvos foram um bairro residencial junto à zona portuária, uma oficina da manutenção militar ucraniana e um jardim de infância. O cerco russo à cidade está a apertar e as autoridades temem a entrada do exército de Putin na cidade. A 38.^a Brigada Mecanizada do Exército Ucraniano já trocou Odessa por Mykolaiv. As barreiras antitanque que estavam no centro da cidade também seguiram o mesmo caminho.

O primeiro rocket destruiu dois apartamentos e feriu uma mulher. Outros dois atingiram uma oficina militar a poucas centenas de metros. As explosões aconteceram pouco depois das 7h30 e fizeram o bairro de Slobodskaya-Chkalov acordar em sobressalto.

Horas depois, o fumo e o rasto de destruição do míssil russo ainda eram bem visíveis. Um carro ficou completamente destruído, as janelas de várias casas partiram-se. O telhado de um velho prédio desapareceu. Igor, um dos moradores, mostra aos jornalistas um pedaço de metal que assegura ser um resto de um dos rockets que varreram o bairro. "Foram três explosões", conta. "Bem, aqui está todo o resultado. O que mais poderia ser. As pessoas foram imediatamente para o abrigo. Quando aconteceu a primeira explosão eu estava aqui. Parece que não há mortos, mas o que vai acontecer a seguir, não sei", resume o homem.

Ao final da manhã, o presidente da câmara de Mykolaiv surgiu no local. De Kalashnikov ao ombro, Oleksandr Syenkevych fez questão de mostrar aos jornalistas o parque infantil do bairro. "Como podem ver, aqui não há qualquer instalação militar", atirou o autarca. O ataque não provocou mortos, poucos moradores ficaram no bairro. "Quarenta por cento das pessoas já deixaram a cidade. Muitos apartamentos estavam vazios", explica Syenkevych. "Mais um ataque, mais uma zona civil atingida", concluiu.

De facto, em Slobodskaya-Chkalov não havia instalações militares. Elas estavam a algumas centenas de metros. Era uma oficina de reparação dos tanques ucranianos. Na estrada que lhe dava acesso, os soldados barravam o passo a quem tentava chegar. A oficina em Mykolaiv foi uma das 16 instalações militares ucranianas que o Kremlin assegura ter destruído "com mísseis de alta precisão, na noite de sexta-feira", lê-se no relatório diário emitido pelo ministério russo da Defesa.

Pouco depois da visita, o autarca revelou, no Twitter, o alvo de um terceiro ataque russo: um jardim de infância. "Não havia soldados. Não havia bases militares. Felizmente, havia apenas um segurança e está tudo bem com ele", assegurou Syenkevych.

Entretanto, Mykolaiv continua sem abastecimento de água pelo quinto dia consecutivo. As condutas que abastecem a cidade foram bombardeadas em Kyselivka, uma aldeia próxima de Kherson. A região é controlada pelo exército de Moscovo. As autoridades ucranianas reconhecem que não solucionarão o problema enquanto os combates não terminarem. Para já, Mykolaiv passou a ser abastecida com recurso a camiões cisterna. Por toda a cidade são visíveis longas filas junto aos pontos de abastecimento.

Enquanto espera, Lyudmila conta que sobreviveu à Segunda Guerra Mundial: "Pensei que já tinha visto tudo na minha vida. Mas agora nem água tenho para ferver o chá." E nem quando os bombardeamentos estão a decorrer as filas encurtam. Para não fechar os hospitais, as autoridades ucranianas decidiram abrir furos de água junto às instalações. Nos hospitais de Mykolaiv há, neste momento, mais de 300 feridos civis vítimas dos ataques russos. Mas nenhum deles foi causado pelos ataques de sábado, asseguram as autoridades.

A comissária de Direitos Humanos do Parlamento ucraniano denunciou que a Rússia está a organizar um referendo sobre o estatuto de Kherson. A votação deve decorrer entre 1 e 10 de maio, período durante o qual, denuncia Lyudmila Denisova, as autoridades russas preparam o fecho das entradas e saídas da cidade. A comissária assegura que várias testemunhas afirmam ter visto os boletins de voto serem impressos.

Source <https://www.publico.pt/2022/04/17/sociedade/noticia/impacto-aumento-precos-nao-reflecte-pedidos-ajuda-alimentar-2002572>

Auteur Daniela Carmo

Date 17 de Abril 2022

Impacto do aumento de preços ainda não se reflecte nos pedidos de ajuda alimentar

Instituições de solidariedade preocupadas com impacto do aumento dos preços nas famílias mais vulneráveis Miguel Manso

O aumento dos preços e do custo de vida em Portugal ainda não se reflecte nos pedidos de ajuda a instituições de apoio como o Banco Alimentar ou a Cáritas Portuguesa. Ao PÚBLICO, as presidentes das duas direcções garantem que apesar de ainda não ter existido um aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade a ter de recorrer a programas de ajuda alimentar é de esperar que a procura suba.

Rita Valadas, presidente da Cáritas, explica que apesar de o custo de vida estar a aumentar, o impacto ainda é algo recente. “Acho que ninguém pode ter estes números ainda, só tivemos três meses do ano e só vamos poder contabilizar reflexos mais à frente porque a factura está a aumentar agora”, desenvolve.

Também Isabel Jonet, do Banco Alimentar contra a Fome, diz que “ainda não houve um aumento dos pedidos de ajuda”. “Temos tido muitas queixas de que está cada vez mais difícil, mas não registamos crescimento no número de pedidos de ajuda directa das pessoas. Contudo, penso que isso ainda virá”, acrescenta. A presidente do Banco Alimentar lembra ainda a medida do Governo de atribuir o apoio extraordinário de 60 euros para mitigar o aumento dos preços dos alimentos como uma das possíveis razões para que ainda não haja um reflexo visível.

Para Rita Valadas, os portugueses vão começar a sentir estes efeitos, provavelmente, só no fim deste mês. “Recorrem ao apoio quando têm a falência do primeiro mês e isso ainda não teve tempo para acontecer.”

A dirigente da Cáritas traça ainda um cenário “preocupante” que se verifica no país: “O que era claro para nós é que estaria estimado um decréscimo do número de famílias que apoiamos vítimas da pandemia, porque haveria alguma retoma. Mas isso não aconteceu, as famílias continuam a precisar de apoio”.

Esta realidade é, por isso, preocupante na medida em que a pandemia de covid-19 fez com que cerca de 22 mil pessoas, que não eram apoiadas pela Cáritas, tivessem de recorrer ao apoio da rede. E não saíram. Isso significa que juntar a este número acrescido de apoios novos pedidos de ajuda pode representar um factor de pressão para a associação.

“Não há um alívio das situações que vinham da pandemia e aquilo que nós tememos é que se juntem estas situações às que vão começar a sentir [um aumento] na sua factura mensal.”

Até onde se pode, então, esticar? Rita Valadas não se compromete com um número e recorda que o trabalho da Cáritas depende da solidariedade de todos. “Obviamente que, se for necessário, se virmos que não temos recursos, utilizaremos a nossa ferramenta habitual que é fazer uma campanha explicando às pessoas para que é que ela é. Entre isto e as almofadas que o Estado terá certamente que equacionar para estas pessoas, havemos de ser capazes”, completa.

Até ao momento, aquilo que tanto a presidente da Cáritas como Isabel Jonet reportam são as queixas, quase desabafos, de pessoas assustadas e com medo. “As pessoas estão muito conscientes da crise que está a acontecer e que vai acontecer e têm muito receio disso. Procuram-nos para conversar, para saber o que podem fazer, muito mais do que já a pedir ajuda por ausência de recursos”, reitera Rita Valadas.

Para Isabel Jonet, os pedidos de ajuda não se comparam ao aumento que foi registado com a pandemia. “Não é significativo, não tem nada a ver com a altura da ‘covid’. Neste momento também temos algumas instituições que estão a apoiar ucranianos mas o aumento de pedidos não é significativo.”

O Banco Alimentar tem 21 balcões em todo o país e apoia 2600 instituições que chegam a 400 mil pessoas todos os dias. “Sabemos exactamente quem são as pessoas que apoiamos e sabemos também que em Portugal há um milhão de pessoas que vivem com menos de 250 euros por mês, a maioria das quais são idosos com baixas pensões de reforma”, sublinha Isabel Jonet.

Já a Cáritas ressalva que os números “são sempre menos do que a realidade” e que este tipo de instituições não resolve os problemas das vidas destas pessoas, mas que actuam, antes, “apenas ao nível básico, no sustento de vida diário”. E aí, Rita Valadas tem a esperança de fazer cumprir a missão nestes tempos mais críticos. Por ano, a associação chega, em média, a 120 mil pessoas e com a pandemia chegaram mais 22 mil pedidos de ajuda.

Source <https://www.publico.pt/2022/04/18/economia/noticia/twitter-aguarda-proximo-passo-elon-musk-apos-blindagem-2002865>

Auteur Luís Villalobos

Date 18 de Abril 2022

Twitter aguarda próximo passo de Elon Musk após “blindagem”

Acções estão abaixo do preço oferecido pelo dono da Tesla. Gestão da empresa anunciou na sexta-feira que até 23 de Abril de 2023 estará em prática uma estratégia de defesa contra investidas consideradas hostis, mas que abre a porta a uma subida da oferta.

As acções do Twitter fecharam na quinta-feira passada nos 45,08 dólares por acção, com uma perda de 1,68% e abaixo não só dos 54,20 dólares oferecidos por Elon Musk para ficar com a empresa como também do patamar dos 50,98 dólares registados a 5 de Abril, depois de se saber que o dono da Tesla se tinha tornado o seu maior accionista, com cerca de 9%. Para a sessão desta segunda-feira na NYSE antecipa-se que no arranque haja uma recuperação do valor por acção.

A oferta de Musk colocou o Twitter a valer 43,4 mil milhões de dólares (39,6 mil milhões de euros), e o valor por acção representa um prémio de 38% face ao preço a que tem estado cotada este mês, mas é inferior em 26% ao valor mais alto do último ano, segundo as contas do *Financial Times* (FT).

Já os 50,98 dólares foram o maior valor dos últimos seis meses - e até de grande parte da história da empresa desde que esta é cotada (entrou no mercado bolsista em 2013). Mas, no ano passado a tecnológica já esteve bastante tempo na casa dos 60 dólares, e chegou a superar os 70 dólares.

Elon Musk, que não chegou a assumir um cargo no conselho de administração do Twitter conforme esperado logo após ter ficado o seu maior accionista, já foi entretanto ultrapassado pela Vanguarda na quinta-feira, com a gestora de investimentos a subir a posição de 8,4% para 10,3%, de acordo com o *The Wall Street Journal*, uma posição avaliada em cerca de 3,78 mil milhões de dólares.

Na sexta-feira, a gestão do Twitter anunciou que até 23 de Abril do ano que vem estará em prática uma estratégia de defesa contra investidas consideradas hostis.

De acordo com o anúncio, se algum accionista superar os 15%, todos os outros poderão adquirir títulos com um desconto, diluindo a posição de quem quiser a primazia. Esta estratégia, diz a administração da empresa, não impede que a gestão “negocie ou aceite uma proposta de aquisição se acreditar que é a melhor para os interesses do Twitter e dos seus accionistas”.

Este passo, refere-se, reduz a hipótese de alguém avançar sem “pagar aos accionistas um prémio apropriado de controlo ou fornecer à administração tempo suficiente para fazer uma análise cuidadosa e tomar decisões que sejam as melhores para os accionistas”.

Conforme destaca o *FT*, esta estratégia, intitulada de “*poison pill*” [comprimido de veneno], é usada desde os anos 80 do século passado para tentar proteger empresas, mas diversas análises mostram que, apesar de atrasar uma oferta hostil, não bloqueia um eventual acordo após negociação.

Assim, a hipótese de Musk para conseguir o seu objectivo passa por subir o preço até um patamar que seja visto como aceitável pela empresa, conforme referiu ao *FT* uma fonte próxima da gestão do Twitter. Algo que, para já, Musk não mostrou abertura para fazer (desconhece-se também como iria financiar a operação se esta se desenrolar como gostaria). Quando avançou, o dono da Tesla afirmou que o preço era “elevado” e que os accionistas “iam adorar”.